

É um não querer mais que bem querer Gramaticalização de conceitos volitivos*

Konrad Szcześniak
konrad.szczeniak@gmail.com
Universidade da Silésia, Katowice / Sosnowiec (Poland)

“Querer é não poder. Quem pôde, quis antes de poder só depois de poder. Quem quer nunca há-de poder, porque se perde em querer”

Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*

ABSTRACT: The present study focuses on the grammaticalization of the verb *want* leading to the emergence of four grammatical categories: the future, proximative, avertive and concessive. The main objective of this study is to reveal the logic behind the changes that generated the four categories. It will be shown that generally the logic in question is the same in all four cases, which suggests that the meanings discussed here make up a set of related grammatical categories. The common denominator shared by the four meanings is a result of persistence (Hopper 1991) which preserved it as traces of the original content of the verb *want*.

KEYWORDS: grammaticalization, discourse markers, persistence, volition

RESUMO: O presente estudo concentra-se na gramaticalização do verbo *querer* que leva ao surgimento de quatro categorias gramaticais: os valores futuro, proximativo, iminencial inconcluso e concessivo. O objetivo principal é expor a lógica subjacente às mudanças que geraram os quatro valores. Verificar-se-á que, de modo geral, a lógica em causa é idêntica em todos os casos, o que sugere que os valores aqui discutidos formam um conjunto de categorias gramaticais relacionadas. O denominador comum partilhado pelos valores é um resultado da persistência (Hopper 1991) que o preservou como vestígio do conteúdo original do verbo *querer*.

PALAVRAS-CHAVE: gramaticalização, marcadores de discurso, persistência, volição

* No processo de elaboração deste trabalho, beneficiei de inúmeras conversas com Maria José Alegre, que não só fez uma cuidadosa redação do texto, como também sugeriu novas questões aqui exploradas. Desejo também agradecer a três pareceristas anônimos pela sua leitura minuciosa e pelos comentários incisivos que me permitiram aperfeiçoar as ideias aqui contidas.

Introdução

Nas últimas décadas, estudos sobre a gramaticalização foram muito além de confirmar a hipótese original de Bonnot de Condillac (1746) e de Meillet (1912) de que as formas gramaticais duma língua — tais como preposições, conjunções ou desinências — evoluem a partir de palavras lexicais, como substantivos ou verbos. Uma das conclusões mais significativas decorrentes desses estudos é a observação de que os elementos gramaticais vêm de um conjunto muito reduzido de conceitos. Verifica-se, normalmente, que uma palavra lexical costuma evoluir e transformar-se numa forma gramatical, em várias línguas, amiúde não relacionadas. Exemplos incluem convergências nos marcadores *DESIDERATIVOS* baseados no conceito de divindade, como a interjeição portuguesa *oxalá* (e a espanhola *ojalá*, ambas oriundas do árabe *inshallah* ‘Deus queira’) e a interjeição polaca *bodaj* (*bodej*, em checo ou *bođaũ* em ucraniano), gramaticalizadas a partir da expressão *Bog daj* ‘Deus dê’. Como observou Heine,

- (1) ...enquanto que é enorme o número de estruturas linguísticas usadas para a expressão de funções gramaticais, as fontes cognitivas a partir das quais essas estruturas derivam são limitadas em número.¹ (Heine 1996, p. 12)

No presente trabalho, vamos analisar os diversos caminhos percorridos pelo verbo *querer* numa dezena de línguas, com destaque para o português. Na maior parte do material aqui apresentado, valer-nos-emos de dados fornecidos na literatura sobre a gramaticalização, acrescentando novas observações sobre usos gramaticais do verbo *querer* no português e no polaco, alguns dos quais representam as fases iniciais de gramaticalização.

A primeira impressão vai ser a de um quadro resumido por Heine: independentemente da língua, os verbos volitivos parecem, de facto, ser uma matéria-prima especialmente propensa a mudanças em direção a uma série de funções gramaticais. Entre os exemplos mais familiares está o papel do conceito volitivo na formação do FUTURO no inglês, onde o verbo *willan*, com o significado original de ‘querer, desejar’ passou a ser usado como marcador do tempo futuro (*will* ou *’ll*), como na frase *I’ll be back* (‘Vou voltar’). Além do valor FUTURO, os verbos volitivos costumam também adquirir

¹ “...while the number and linguistic structures used for the expression of grammatical functions is enormous, the cognitive sources from which these structures are derived are limited in number.”

as funções PROXIMATIVA, IMINENCIAL INCONCLUSO e CONCESSIVA (todas discutidas na próxima secção). Isto pode ser representado na Fig. 1, que resume os potenciais produtos da gramaticalização do verbo *querer* em várias línguas.

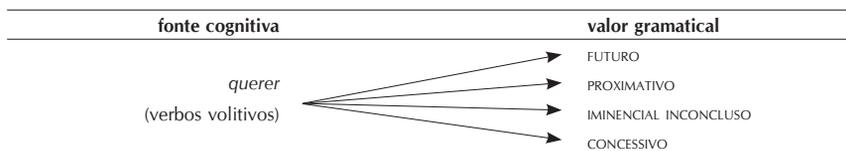


FIGURA 1: Multiplicidade de resultados de gramaticalização a partir de uma fonte cognitiva

Obviamente, o verbo *querer* não serve para exprimir estas quatro funções em todas as línguas, sendo que nem todos os valores referidos na Fig. 2 ocorrem no português. Em português, o futuro obtém-se através do verbo lexical *ir*, e não através de *querer*, pelo que a Fig. 1 deveria ser elaborada como se vê na Fig. 2, que mostra as direções de gramaticalização em que o item lexical *querer* pode evoluir, como é o caso das línguas analisadas no presente trabalho, que incluem o português, inglês, polaco, russo e o latim, entre outras.

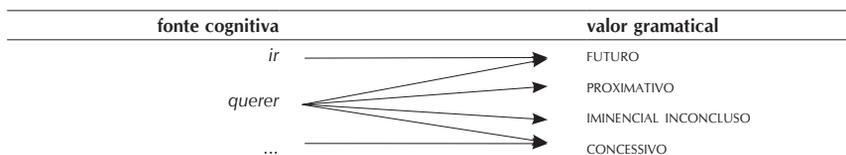


FIGURA 2: Fontes cognitivas alternativas de quatro valores nas línguas discutidas no presente estudo

O número de conceitos capazes de aparecer à esquerda da equação é bastante modesto, tal como Heine refere acima em (1). Porém, o presente trabalho vai mostrar que os valores gramaticais ao lado direito da equação são um grupo compacto de sentidos inter-relacionados. Eles não são tão dispersos como parecem na literatura. Ao contrário do que defende Heine (1996), não é assim tão grande o número das funções gramaticais oriundas duma fonte cognitiva, pelo menos no caso da fonte do conceito de volição. A argumentação vai começar com uma análise de valores gramaticais

nascidos a partir do conceito de ‘querer’. Depois, vão ser apresentadas diferenças e semelhanças entre os valores que devem lançar alguma luz sobre a lógica das mudanças que levaram ao surgimento das formas aqui analisadas. Os dados fornecidos para ilustrar as mudanças vêm de obras literárias publicadas a partir do século XIII até hoje, disponibilizadas pelo serviço Google Books.

1. Valores gramaticais

1.1 *Querer* futuro

O valor futuro das construções derivadas do verbo *querer* tem sido descrito amplamente na literatura sobre a gramaticalização. Trata-se do sentido de ‘uma ocorrência futura’, segundo a fórmula ‘X vai fazer Y’. Tais usos surgem da seguinte inferência: quando alguém declara a intenção de iniciar uma ação (‘Quero fazer X’), pode-se considerar isso como sinal da realização iminente da mesma. No croata, o verbo *htjeti* (‘querer’) tem duas formas, uma completa *hoću* e uma curta *ću* (ambas ‘quero’), a segunda das quais pode ser interpretada como designando ou intenção ou previsão:

- (2) I ja ću bitiolimpijac.
E eu querer-1^{PSG} ser olímpico.
‘Eu também quero / vou ser olímpico.’
(http://www.hoo.hr/downloads/OFDV-pravila_propozicije.pdf)

Do mesmo modo, o elemento auxiliar *will* que marca o futuro no inglês também provém de um verbo lexical com o sentido de ‘querer’, *willan* (Aijmer 1985). Outros exemplos incluem o marcador grego *tha* derivado da estrutura *thelo ina* (‘desejo que’) (Tsangalidis 1999) ou a evolução a partir do verbo chinês *yào* (‘querer’) para o marcador futuro (Li & Thompson 198: 175-176).

No português o valor FUTURO seguiu um rumo diferente, gramaticalizando-se a partir do verbo *ir*, semelhantemente ao inglês *going to*. Contudo, tal como no caso do verbo *querer*, a gramaticalização do auxiliar futuro *ir* também envolvia o gradual desaparecimento do sentido de intenção evidente nos usos do verbo com sujeitos inanimados no século XIV (Lima 2001).

1.2 *Querer* iminencial inconcluso

O valor IMINENCIAL INCONCLUSO² refere-se a cenários em que uma ação chega perto de ocorrer, mas acaba por não se concretizar ou, por outras palavras, onde alguma coisa não acontece só por um triz. Tal é o caso no Venda (Poulos 1990: 332). No seguinte exemplo, na primeira frase (3a) exprime-se o sentido lexical de intenção, e, no (3b), o valor puramente IMINENCIAL INCONCLUSO.

- (3) a. Ndo toda u mu rwa.
Eu querer-PERF INF ele bater.
'Quis bater nele.'
- b. Ndo todou mu rwa.
Eu quase ele bater.
'Quase bati nele.' (Poulos 1990, p. 332)

No polaco, parece ter lugar um processo incipiente, onde o verbo *chcieć* ('querer') pode, nalguns contextos, ser interpretado no valor IMINENCIAL INCONCLUSO 'quase, quase, mas não', como no exemplo (4b) abaixo, onde o sujeito é retratado como estando à beira da loucura. Aqui uma interpretação direta de intencionalidade não parece muito convincente, visto que a alienação mental está fora do controlo das faculdades volitivas.

- (4) a. Chłopiec chciał wracać w lata dzieciństwa.
Rapaz querer-PRET voltar em anos de-infância.
'O rapaz quis voltar para os anos da infância.' (Ryszard Miernik, *Kawaler do wzięcia*)
- b. -Oszust! – syknął i chciał się wściec.
-Trapaceiro! – chiał-PRET e querer-PRET REFL enlouquecer.
-Trapaceiro! – chiou, quase a dar em doido. (Kornel Makuszyński, *Śpiewający djabeł*)

Em português, o valor IMINENCIAL INCONCLUSO não é expresso por um verbo, mas através de advérbios ou locuções adverbiais *quase*, *por um triz*, ou *por pouco*.

² Na literatura linguística histórica em inglês (e. g. Heine & Kuteva 2002), usa-se o termo **avertive**, que não existe na literatura em português (ou, pelo menos, não sei da existência de tal termo ou um outro qualquer) para descrever categorias gramaticais exprimindo uma "quase ocorrência" de um evento. Para preencher a lacuna, um avaliador anónimo propôs cunhar o termo **iminencial inconcluso** para exprimir uma não ocorrência, ou melhor, uma ocorrência que esteve quase a ter lugar.

1.3 *Querer* proximativo

Na literatura sobre a gramaticalização, abundam exemplos de empregos onde o verbo *querer* adquire funções gramaticais PROXIMATIVAS. Em tais contextos, construções baseadas no verbo *querer* exprimem o futuro mais próximo, segundo a fórmula 'X está prestes a INFINITIVO'. No anglo-saxão, o verbo *willan* ('querer') podia ser usado não só para descrever ações volitivas de sujeitos animados, mas também eventos que envolvessem sujeitos incapazes de volição e tais usos eram interpretados como referências ao futuro imediato, como no seguinte exemplo.

- (5) Hit wolde dagian.
 PRON querer-PRET raiair.
 'O dia estava prestes a raiair.' (Heine & Kuteva 2002: 313)

De modo semelhante, no Tok Pisin, o verbo *laik* ('gostar, querer, desejar', derivado do inglês *like*) exprime previsões em contextos que excluem interpretações de volição por não implicarem sujeitos animados:

- (6) Machine he like die.
 'A máquina está prestes a avariar.' (Romaine 1999: 328)

A função PROXIMATIVA está também evidente no verbo *lāg* ('querer') da língua Kasem:

- (7) Cirā lāg bà d-ú.
 Feiticeiros querer-INCOAT FUT comer-ele.
 'Os feiticeiros estão prestes a comê-lo.' (Bonvini 2008: 276)

Outros exemplos vêm de línguas como o Ani (Heine 1999), o Ewe (Ameka 1990), o Maa (Heine 1992) ou o Húngaro (Halász 1973).

É interessante referir que o verbo *querer*, no português, também está envolvido na evolução da construção PROXIMATIVA que parece estar a ter lugar atualmente. No português do Brasil, são frequentes os usos do gerúndio na forma *querendo*, que, na sua maioria, podem ser parafraseados através de sentidos como 'desejando' (como *Está aqui um garoto querendo falar com você.*). No entanto, é fácil encontrar exemplos que nem sempre podem ser interpretados desse modo. Nos exemplos (8a-b), o gaguejo e o desmaio

difícilmente podem ser imaginados como intenções dos personagens. Mais plausivelmente trata-se de uma ação involuntária iminente.

- (8) a. É, mas eu tenho um refém. – disse o garoto *querendo* gaguejar. (Rolando Júnior, *O Caso Traps*)
b. Mariel tinha pavor de sangue, só de ver um ferimento já ficava todo pálido e *querendo* desmaiar. (Luciano R. Rodrigues, *Ted*)

A interpretação volitiva também pode ser excluída nos seguintes exemplos. Aqui, a intencionalidade só se mantém sob uma visão de personificação extrema (e pouco plausível).

- (9) a. Todas as tardes, já com a noite *querendo* cair, procuro dar ordem à minha mesa. (Josué Montello, *Diário do entardecer*)
b. Às 5 da madrugada, com o dia *querendo* clarear, o negro se entregou. (Antonio Augusto Fagundes, *Causos de galpão*)
c. Já com o desespero *querendo* tomar conta de mim, foi que eu lembrei do velho e bom Gigi. (Emanuel Marcos Cruz e Prado, *O Bispo*)
d. Sabe quando você está carregada de embrulhos, com bolsas penduradas, carrinho de bebé desmontado, a chuva *querendo* começar a cair, chave do carro na boca e, de repente, surge do nada uma pessoa que abre a porta para você... (Gelder Manhaes, *Não Reme Contra a Maré*)

1.4 *Querer* concessivo

Além dos valores referidos acima, discutidos minuciosamente na literatura referida nas secções anteriores, existe mais um destino de evolução do verbo *querer* que, tanto quanto sabemos, tem atraído menos atenção até agora. Trata-se de formas funcionais que servem para marcar relações concessivas. Um dos exemplos mais evidentes é o marcador latino *quamvis* (Leuschner 2008) vindo da expressão *quamvis* ('quão, qual queres'). Originalmente, a expressão era usada na forma *quam*_{ADJ/ADV} *vis* (eg. *quam subito vis*, 'quão rápido queres'), mas gradualmente passou a ser usada como uma única palavra:

- (10) locus hic apud nos *quamvis* subito venias
lugar aqui perto nós quão rápido venhas
semper liber est.
sempre livre está.
'Um lugar connosco aqui, independentemente de vires tarde ou cedo, está sempre livre.' (ex. 21 em Leuschner 2008: 244)

No exemplo (10), tanto faz que o ouvinte venha cedo ou tarde, porque sempre será bem-vindo. E no caso deste quantificador, a irrelevância concessiva de escolhas evocadas por *quamvis* também surge na presença do verbo volitivo na segunda pessoa *vis* ('queres'). Mais tarde, o item *quamvis* passou a surgir como uma conjunção concessiva equivalente à conjunção portuguesa *embora*, como no seguinte exemplo, uma frase de Cícero.

- (11) *quamvis* patrem suum numquam viderat
 embora pai dele nunca tinha visto
 [Rabirius] tamen [. . .] in paternae vitae similitudinem deductus est.
 Rabirius ainda em paternal vida semelhança levado é.
 '...embora nunca tivesse visto o seu pai, o Rabirius era ainda assim levado a viver de modo paternal'
 (Touratier 1994: 151)

Mais um exemplo interessante é o grupo de conjunções equivalentes a *embora* nas línguas enumeradas na tabela abaixo. Em todos os casos, a conjunção concessiva remonta ao sentido original volitivo. Nestas línguas, as conjunções equivalentes a *embora* têm uma origem remota que antecede os primeiros documentos escritos, o que impossibilita traçar com segurança o desenvolvimento gradual a partir da palavra lexical até à forma gramatical. No entanto, através da análise morfológica, vários autores deduzem que a conjunção deriva da forma imperativa 'queira' (Klemensiewicz *et al.* 1964) ou do gerúndio 'querendo' (Sławski 1982; Boryś 2005).

| | <i>embora</i> | <i>querer</i> |
|-------------|-----------------------------------|--------------------------|
| polaco | <i>choć</i> | <i>chcieć</i> |
| russo | <i>хотя (khotya)</i> | <i>хотеть (khotet')</i> |
| ucraniano | <i>хоча (khocha), хоч (khoch)</i> | <i>хотіти (khotity)</i> |
| bielorrusso | <i>хоць (khoch)</i> | <i>хацець (khatyech)</i> |
| letão | <i>пос</i> | <i>порēti</i> |

FIGURA 3: Relação entre a conjunção concessiva 'embora' e a palavra lexical 'querer'

A gramaticalização do verbo *querer* na direção concessiva nestas línguas prosseguiu de acordo com a inferência 'Queres X, mas vai acontecer Y'. A divergência entre os desejos e as possibilidades realistas parece ser um tema recorrente no desenvolvimento de várias palavras funcionais,

padrões gramaticais ou usos convencionalizados do verbo *querer*. Neste contexto, convém destacar o emprego provocativo da forma *Querias!* como comentário a planos, intenções, anseios ou preferências do ouvinte. Este uso traz embutida a implicatura ‘mas não conseguirás’, mais uma atestação do potencial concessivo no conceito de volição: a intenção não garante automaticamente o resultado pretendido; nalguns casos, ela admite mesmo desfechos contrários.

Indiscutivelmente, o verbo *querer* português não se gramaticalizou na direção de uma conjunção plenamente concessiva, como o item latino *quamvis* ou o *choć* polaco – esta função é preenchida pelo item *embora* gramaticalizado a partir do sintagma adverbial *em boa hora*, contraído para um advérbio e usado hoje como conjunção *embora* (Lima 1997). No entanto, existem usos de *quer* que se equiparam aos estádios transicionais verificados no caso do marcador *quamvis*, quando era um quantificador universal, como ilustrado no exemplo (10). O quantificador *qualquer* não só tem uma morfologia paralela ao *quamvis* (sendo *qual quer* a origem de *qualquer*, enquanto *quamvis* deriva dos sentidos ‘quão, qual queres’), mas também exhibe traços de relações concessivas em vários usos, como é ilustrado na frase (12) abaixo.

- (12) *Qualquer* pessoa que nasça portuguesa só poderá exercer a sua profissão, *qualquer* que seja, desde que se sujeite diretamente ao poder político do Estado. (Humberto Delgado, *Memórias de Humberto Delgado*)

O uso de *qualquer* enfatiza aqui a falta de conexão entre duas afirmações, uma das quais continua válida independentemente da outra. Nesta frase, o exercer duma profissão sempre sob controlo do Estado não depende do tipo de profissão nem de quem quer exercê-la. Esta interpretação concessiva vem da “força quantificacional (universal)” (Raposo 1992: 138) e do carácter de “escolha livre” (Hoeksema 2013: 230) do item *qualquer*: o raciocínio é de que ‘pode-se escolher livremente entre várias opções, mas isto não importa, porque o resultado continua a ser o mesmo, independentemente da escolha’. Trata-se, por outras palavras, da falta de influência de um fator sobre o outro, associada a mais uma construção gramatical derivada do verbo *querer*, a construção disjuntiva *quer... quer...* Também aqui não há uma ligação direta esperada entre o que se faça e o resultado.

- (13) No fim, de certo modo, vem a dar no mesmo, *quer* se trabalhe *quer* não. (João Camilo dos Santos, *O grande frémito da paixão*)

A lógica por trás da presença do verbo volitivo *querer* em construções concessivas pode ser resumida através do truísmo de que as intenções e desejos costumam colidir com a realidade. Querer nem sempre é poder, o que está refletido no uso da colocação inglesa *all you want*, cujo uso se convencionalizou recentemente (14) e que parece ter um equivalente verbatim no português (15).

- (14) You can *wait all you want*, but I'm not saying another word. (Lee Martin, *River of Heaven*, 2008) ('Pode esperar o quanto quiser, mas não digo mais nenhuma palavra.')
- (15) Podes esperar, gritar, chorar *tudo o que quiseres*, mas não culpes o tempo. (www.wattpad.com/332765657)

A razão de ser do verbo *querer* nesta colocação é a inutilidade das intenções perante a outra afirmação apresentada no enunciado. Assim, a fórmula 'Pode querer X, mas dá-se Y' dá azo a uma série de construções gramaticais com o valor concessivo, incluindo as formas apresentadas na Fig. 3.

Esta relação contraditória entre o querer e o agir também se dá na construção exortativa *querer* INFINITIVO? ilustrada a seguir em (16). É importante observar que, neste contexto, o verbo *querer* não aparece no sentido volitivo direto. A expressão *queres dizer-nos...?* é usada normalmente quando o falante tem razões para suspeitar qualquer relutância em falar por parte do interlocutor. É exatamente o que ocorre no seguinte exemplo, onde o interlocutor deixa claro que ainda não quer falar e só o fará mais tarde.

- (16) – E queres dizer-nos em que pena estás a pensar?!... – Perguntou o Xavier.
– Isso aí, gostava de vos dar a minha ideia, mas só depois de deliberarmos que o Adelino não será notificado da acusação. (José António Pereira da Silva, *A roda da esquina*)

2. Diferenças entre os sentidos das formas baseadas em *querer*

É um enigma interessante que um conceito dê azo a valores gramaticais aparentemente tão contraditórios. O conceito de volição serve como fonte cognitiva na evolução de marcadores FUTUROS, mas esse mesmo conceito está na origem do desenvolvimento de conjunções CONCESSIVAS. Portanto,

por um lado, estamos perante formas gramaticais que exprimem uma quase garantia da realização de um evento, e por outro, formas que sinalizam uma clara negação da possibilidade de o mesmo evento ocorrer. Neste ponto, é necessário tentar explicar de onde provêm estas diferenças. Vamos agora comparar em mais pormenor a evolução dos valores FUTURO e CONCESSIVO.

2.1 Futuro inglês

Para entender melhor o mecanismo responsável pelo surgimento do valor FUTURO, servir-nos-emos do caso do marcador *will* em inglês. Como foi referido acima, o verbo *willan* (com a grafia alternativa *wyllan*) originalmente exprimia volição. Isto é evidente nos usos de pura intenção como no exemplo (17) a seguir, oriundo do *Testamento do Rei Alfredo*, onde o monarca anuncia a sua vontade:

- (17) Ond ic wille, gif ic ænigum menn ænig feoh unleanod hæbbe þæt mine magas þæt huru geleanian.
'E quero, se eu não paguei qualquer dinheiro a qualquer dos meus homens, que paguem / recompensem os meus parentes.' (*King Alfred's Will*, AD 880-885)

O verbo era também usado com substantivos no acusativo, o que pode ser interpretado como expressão de desejo, ainda sem qualquer referência ao futuro:

- (18) Ne drincð nan man eald win, & wylle sona þæt niwe.
'Ninguém bebe vinho velho e logo quer o (vinho) novo.' (1000 WS Gospels: Luke)

Ao mesmo tempo, o verbo *willan* entrava em colocações com infinitivos, como no seguinte caso (19).

- (19) Hwyder wilt þugangan? Min Drihten, ic wille gangan to Rome.
'Aonde queres ir? Meu Senhor, eu quero ir a Roma.' (*The Blicking Homilies* 191)

No Inglês Médio, a frequência de usos com substantivos no acusativo diminuiu e aumentou o número de usos com o infinitivo, que na sua maioria podiam ser interpretados polissemicamente como transmitindo tanto intenção como previsão (Bybee 2015: 118). Gradualmente, o verbo passou a ser utilizado com sujeitos inanimados, o que é sinal da consolidação do valor

FUTURO. No exemplo (20) abaixo, o infortúnio só pode ser interpretado como sujeito de um cenário futuro, não um agente capaz de volição.

- (20) For mon may hyde his harme, bot vnhap ne may hit,
For þer hit onez is tachched twynne *will* hit never.
'Porque o homem pode esconder o seu infortúnio, mas não o pode desfazer.
Porque uma vez instalado, ele nunca se desfará.' (Anónimo, *Sir Gawain and the Green Knight*)

No entanto, para que o valor futuro pudesse surgir, eram precisos usos de *willan* na primeira pessoa do singular, como em (19) ou (21).

- (21) Ic will mid flode folc acwellan.
'Quero/vou matar o povo com um dilúvio.' (1296 *Genesis*)

Tais usos normalmente constituem uma simples declaração de intenção, não diluída por afirmações que contradigam ou ponham em dúvida a realização da intenção. É provavelmente só na primeira pessoa que podem ser feitas tais declarações, porque só o falante na primeira pessoa é capaz de exprimir intenção interpretável também como previsão, simplesmente porque só o autor das suas próprias intenções sabe quais elas são.

Isto já não se dá na segunda nem na terceira pessoa, porque nestes casos não podemos atribuir intenções – só se pode perguntar ou, na melhor das hipóteses, inferir as intenções. Em tais casos, quando o falante tenta colocar-se na pele do ouvinte (segunda pessoa) ou de outros (terceira pessoa), há uma margem de dúvida que abre a porta para afirmações contraditórias:

- (22) a. Queres vencer o mundo, mas não haverá vitória... (Alexandre Bueno, *Os Sentimentos e A Razão*)
b. Acho que isso é precisamente o que queres que eu faça, mas não vai ser assim. (Susan Stephens, *A amante do conde francês*)
c. Ele pode querer assassinar-me, mas isso não lhe restituiria o colar. (Nora Roberts, *Tudo o que Ficou Para Trás*)
d. As pessoas podem querer coisas, mas isso não significa que nós possamos dar-lhas. (Philip Roth, *Quando Ela Era Boa*)

2.2 Concessivo na segunda ou terceira pessoa

Como referimos antes, além do valor FUTURO, o verbo *querer* está também implicado no desenvolvimento de formas gramaticais com o valor

CONCESSIVO. O quantificador *qualquer*, a construção *quer... quer...*, e a conjunção polaca *choć* ('embora'), são produtos da gramaticalização a partir do conceito de volição para a expressão de contraste lógico. Além de todas serem veículos de concessividade, estas formas partilham mais uma característica. Elas vêm das formas da segunda ou da terceira pessoa do verbo *querer*. Enquanto o valor FUTURO surgia naturalmente de declarações de intenção na primeira pessoa (eg. *Agora quero dormir* -> *Agora vou dormir*), já o contraste lógico parece acompanhar usos "empáticos" de *querer*. Quando o falante menciona as intenções de outros, na maioria dos casos transmite sentidos ambivalentes do tipo "podes querer, mas...", e só esporadicamente transmite uma previsão (usos como *Agora queres dormir* -> *Agora vais dormir* evocam cenários de hipnose e são provavelmente muito raros, mesmo levando em consideração as estratégias de pais tentando adormecer os filhos). Obviamente, os sentidos concessivos também podem ser expressos em relação às intenções do próprio falante, na primeira pessoa (eg. *Quero dormir, mas com tanto barulho não consigo*), mas a diferença está em que os usos na primeira pessoa costumam, com maior frequência, associar-se a declarações diretas interpretáveis como previsões do futuro. Dito de outro modo, trata-se de uma simples questão de proporções: declarações de intenção em tom de anúncio prevalecem logicamente na primeira pessoa, enquanto reservas quanto à concretização de um cenário tendem a recorrer à segunda ou à terceira pessoa, o que pode ser resumido do seguinte modo:

| | | |
|-------------------------|---|--|
| <i>Quero</i> | > | declarações de intenções diretas equivalentes a previsões do futuro: |
| 1.ª pessoa | | <i>Quero fazer x</i> -> <i>Vou fazer x</i> |
| <i>Queres, quer</i> | > | usos "empáticos" abertos a interpretações concessivas |
| 2.ª e 3.ª pessoa | | <i>Quer(es) fazer x, mas y</i> |

FIGURA 4: Correlação entre a forma do verbo e os usos mais frequentes

Tal era o cenário lógico que acompanhava o surgimento da conjunção *choć* nas línguas apresentadas na Fig. 3. A conjunção tem a forma derivada, com mais probabilidade, da forma 'queira (você, ele)' ou 'querendo', o que evoca usos de quem se dirigisse ao ouvinte de forma 'queira X, mas vai ser Y'. Usos na segunda pessoa admitem espaço para comentários adversativos.

Este caráter adversativo é também consistente com o emprego da palavra *qualquer*. Este quantificador evoca uma escolha livre de opções, escolha que ao mesmo tempo não tem relevância para uma outra questão apresentada na mesma frase. Por exemplo,

- (23) A lei é a mesma para todos, qualquer que seja a sua posição.
= ‘Quer sejam ricos ou pobres, quer poderosos ou fracos — a escolha não tem importância para o funcionamento da lei.’ (Jayme Paviani, *As fontes do humanismo latino*)

Como era de esperar, o quantificador *qualquer* está baseado na forma da terceira pessoa *quer*. Os usos presentes do tipo “qualquer que seja X, Y não depende de X” são um eco da lógica original do uso mais literal de *qualquer*, no início escrito separadamente como *qual quer*, “(não importa) qual X quer”³:

- (24) todos os religiosos quaes quer que seião, ysentos e nō ysentos de qual quer ordem e de qual quer condiçõn... (*Tratado do Sacramento da Penitencia*, 1399)
- (25) Finalmente homem Cristão de qualquer estado, & de qualquer condição que sejas: ves a Fé, & o Character, que recebeste no Baptismo, ves a obrigação da Ley que professas. (*Sermoens do P. Antonio Vieira*, 1679)

É curioso observar que a história do quantificador *qualquer* não é um caso isolado. Antes de o verbo *querer* se estabelecer com o sentido volitivo no português, o seu antecessor latino *velle* (‘querer’ usado na Península Ibérica até aos meados do primeiro milénio) também evoluiu produzindo uma forma gramatical com funções semelhantes. Trata-se do quantificador *quamvis*, já referido em (1.4). Repare-se que o mesmo se verifica no caso da colocação *all you want / tudo o que quiseres* (eg. *Grita tudo o que quiseres – já ninguém te ouve*) ou do exclamativo *Querias!* referidos acima.

2.3 Valores proximativo e iminencial inconcluso

Uma forma útil de pensar nos valores apresentados acima é visualizá-los como graus num contínuo de realização de intenção. Num dos extremos deste contínuo situa-se o valor FUTURO, visto que representa uma previsão,

³ Neste aspeto, *qualquer* assemelha-se a outros marcadores concessivos tais como *todavia* e *embora*, originalmente grafados também separadamente (Carvalho 2012: 163).

ou seja, equivale a uma quase garantia de realização futura. Do lado oposto, está o valor **CONCESSIVO**, que exprime uma contradição da intenção, o que corresponde a uma não realização. Entre estes dois extremos, encontram-se os restantes dois valores, o **IMINENCIAL INCONCLUSO** e o **PROXIMATIVO**. O valor **IMINENCIAL INCONCLUSO** fica perto do **CONCESSIVO**, por também representar uma não realização – por pouco, no sentido ‘quase ocorreu’ como nos exemplos (3b-4b) acima. Mas está ligeiramente afastado do extremo **CONCESSIVO** por trazer consigo um elemento de potencialidade de realização. O valor **PROXIMATIVO**, por sua vez, ocupa um lugar ainda mais afastado do extremo **CONCESSIVO**. Trata-se de usos (9a-d) apresentados antes ou como em (27), onde a ocorrência em causa não tem lugar, pelo que se assemelha aos valores **CONCESSIVO** e **IMINENCIAL INCONCLUSO**.

(27) Com o sono já *querendo* dominar, começou a sentir frio com o sereno da madrugada, resolveu e foi embora. (José Roberto Viviani, *O Protegido*)

Contudo, embora o valor proximativo do *querendo* em (27) transmita uma não ocorrência, nada impede que o evento tenha lugar. De facto, a forma *querendo* é usada com muita frequência no contexto de eventos cuja realização é uma simples questão de tempo:

(28) Com a noite *querendo* ir-se, os galos clarinetando, Manoel Pedro deixava a camarinha. (Francisco Julião, *Cachaça*)

Assim, podemos representar os valores de modo gráfico, ordenando-os ao longo do contínuo, como na Fig. 5:

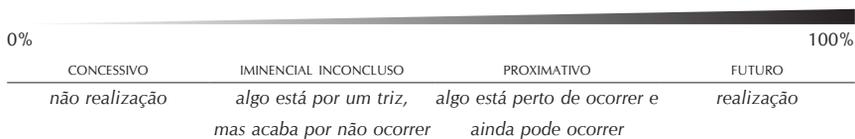


FIGURA 5: Contínuo de valores oriundos do conceito volitivo

A todos os valores incluídos na Fig. 5, subjaz um vestígio persistente do valor **VOLITIVO** de que eles originaram. De facto, é precisamente esta a razão pela qual é possível ordenar os valores num contínuo. Visto que provêm

da mesma fonte volitiva, é natural que os valores preservem traços do valor original, que se manifesta na forma de intenção em diferentes graus de realização. Dito de outra forma, o valor VOLITIVO permanece presente como ‘a realização de intenção’, um denominador comum que une os valores aparentemente diferentes.

3. Semelhanças

Ordenar os quatro valores ao longo de um contínuo permite observar uma característica intrínseca que todos eles partilham, por ocuparem lugares vizinhos. Isto é, todos abrigam uma certa ambiguidade no que respeita ao seu grau de realização. Como se vê nos exemplos (27) e (28), a presença de *querendo* não impõe uma interpretação rígida relativamente à eventual realização. Dependendo do contexto, a forma *querendo* é propensa a interpretações equivalentes a ‘quase, mas não’ (27) ou a ‘ainda não, mas está por pouco’ (28). Ou seja, nalguns casos, o valor PROXIMATIVO assemelha-se ao IMINENCIAL INCONCLUSO, e noutros, pode ser uma paráfrase do valor FUTURO. Os valores parecem estar separados por linhas extremamente indistintas, o que faz com que se transfigurem um no outro de um modo quase impercetível.

Mais surpreendentemente ainda, a ambiguidade não se dá somente entre valores vizinhos. Algumas construções incluem elementos assaz contraditórios, como no caso do uso exortativo *Queres* INFINITIVO...? mencionado na seção 1.4. Como ilustra o exemplo (29), esta construção soa muito natural em situações em que o sujeito da forma *queres* evidentemente não quer. O verbo *queres* está a ser usado com o sentido de “Vais, apesar de provavelmente não teres vontade?” Trata-se de um emprego com valor FUTURO que, paradoxalmente, contém traços do valor CONCESSIVO. Por outras palavras, mesmo admitindo a cortesia duma ordem camuflada de pergunta, a falante exige uma reação contra a vontade da ouvinte.

(29) – Querida, o que se passa para que tu faças isso?

– Desculpa, avó... (e foi a correr para o quarto.)

...

– *Queres* explicar-me o que se passa, querida? (Laurinda Rocha, *A Vida Continua*)

De maneira semelhante, o quantificador *qualquer* admite não só usos que sublinhem uma forte concessividade de exclusão (30) mas também

a noção de inclusão universal (31). A concessividade consiste no sentido implícito de ‘não importa’.

- (30) Não há qualquer espécie de dúvida. = ‘Não importa que seja grande ou pequena, (mas) não há dúvida.’ (Maria João Avillez, *Vítor Gaspar*)
- (31) Qualquer meio serve. = ‘Não importa que seja honesto ou não, (mas) todos os meios servem.’ (Joaquim Manoel de Macedo, *A Torre em Concurso*)

Dito de outra maneira, o exemplo (30) representa um caso de não realização, enquanto o exemplo (31) se situa do lado oposto do contínuo. Esta flexibilidade verifica-se também na construção *quer... quer...* que permite tanto exclusivos (32) como inclusivos (33):

- (32) Pois o Criador não mudará as Leis que criou, para atender a caprichos, vontades ou necessidades, quer sejam individuais, quer sejam coletivas, quer sejam novas, quer sejam antigas. (Marcelo Francisco Antunes, *Descobertas*)
- (33) ...todos os homens, quer sejam ricos quer pobres, quer nobres, quer plebeos, tem o mesmo direito a gozar das vantagens que resultão da administração dos negocios publicos. (José Osorio da Gama e Castro, *O novo príncipe*)

Isto porque a exclusão e a inclusão são duas faces da mesma moeda. Quando A se aplica a todos os casos, isto significa que B não se aplica a nenhum. Por vezes, podem-se encontrar usos que exprimem, simultaneamente, exclusão e inclusão, como no caso a seguir, onde a proibição (‘não vai haver’) se refere a todos e quaisquer casos:

- (34) Fica prohibida a exportação de escravos, seja por mar ou por terra, em todos os Dominios Portuguezes, sem excepção, quer sejam situados ao Norte., quer ao Sul do Equador. (*Documentos officiaes*, 1839)

Deparamo-nos com uma variedade considerável de sentidos e funções oriundos da mesma fonte. O que é notável é que, apesar de serem evidentemente diferentes, os usos aqui referidos estão unidos por um elemento comum, nomeadamente o sentido de ‘incerteza e limitação da volição’ inerente ao verbo *querer*. Traços deste elemento, presentes no sentido original do verbo, não são eliminados no decurso da gramaticalização, mas permanecem nos novos sentidos. Trata-se de uma simples consequência do fenómeno que Hopper (1991) denominou de “persistência”.

“quando uma forma sofre gramaticalização de um item lexical para um gramatical, alguns traços do seu sentido lexical original tendem a ficar apegados a ela, e detalhes da sua história lexical podem ser refletidos nos constrangimentos da sua distribuição gramatical.”⁴ (Hopper & Traugott 1993: 96)

A persistência tem um papel importante no que diz respeito à mudança semântica. No decurso dessas mudanças, os novos sentidos coexistem com os sentidos originais dos quais surgem, o que dá a impressão de uma forte polissemia quase infinda tanto no caso de *querer* como de muitas outras formas – por exemplo, Silva (2006) salienta uma variedade polissêmica dos sentidos que o marcador *pronto* adquiriu. No entanto, por mais rica que seja, a polissemia não é ilimitada. Não obstante a pluralidade dos sentidos que uma forma pode adquirir, a persistência restringe as direções em que uma forma pode evoluir, porque “há constrangimentos sobre os tipos de diferenças que podem surgir entre o velho e o novo sentido.”⁵ (Hansen 2008: 78) A persistência garante a continuação e coerência semânticas entre a fonte e o resultado da mudança.

Assim, apesar do desbotamento (*bleaching*) do conteúdo semântico original que o verbo *querer* sofreu no decurso da gramaticalização, persistem alguns elementos que têm a ver com a natureza complexa da volição. Os valores gramaticais oriundos da mesma fonte cognitiva estão, por conseguinte, predeterminados a um comportamento semelhante, uma vez que todos carregam as mesmas propriedades, ecos do mesmo princípio.

4. Conclusões

Os quatro valores aqui discutidos – FUTURO, PROXIMATIVO, IMINENCIAL INCONCLUSO e CONCESSIVO – representam uma gama do que pode ser considerado como graus variados de realização de uma intenção, como sugere a Fig. 5: o valor FUTURO é sinónimo de um anúncio de um evento iminente, que equivale a uma quase garantia de realização, enquanto, no outro extremo, o valor concessivo representa a negação da realização. A primeira impressão é a de uma indeterminação desnorteante, uma vez que o mesmo conceito

⁴ “...when a form undergoes grammaticalization from a lexical to a grammatical item, some traces of its original lexical meanings tend to adhere to it, and details of its lexical history may be reflected in constraints on its grammatical distribution.”

⁵ “there are constraints on the kinds of differences that can arise between the old and the new meaning.”

volitivo dá origem a valores diametralmente opostos, como ocorre no caso da declaração de uma realização iminente e da sua negação, para já não falar dos matizes transitórios situados entre os dois extremos.

Contudo, isto não quer dizer que os usos acima referidos possam mudar de valor aleatoriamente. É verdade que os valores ordenados ao longo do contínuo de realização estão separados uns dos outros por divisões difusas, mas a imprecisão das fronteiras não significa a ausência das mesmas (Szcześniak 2013). Apesar de imprecisas, as fronteiras continuam a separar os valores apresentados, e consequentemente, apesar de relacionados, os valores continuam a ser categorias gramaticais diferentes.

Do onde vem, então, a diversidade de valores evidentemente contraditórios? Os dados referidos no presente estudo sugerem duas razões para as diferenças. Uma delas é puramente gramatical. A direção assumida pelo processo de gramaticalização depende de fatores tão mecânicos como a escolha da forma do verbo. O uso da primeira pessoa parece predestinar o surgimento do valor FUTURO, ao passo que as formas da segunda e da terceira pessoas costumam conduzir ao desenvolvimento do valor CONCESSIVO.

A outra fonte da diversidade parece ser mais semântica e tem a ver com os conceitos originais que serviram de gatilho para a evolução gramatical. A volição é um conceito internamente contraditório, como é evidente nas palavras de Pessoa apresentadas na epígrafe. A intenção, mesmo a mais sincera, não é garantia de realização, visto que muito depende das possibilidades e circunstâncias. E ainda por cima, a própria volição não é uma questão de tudo ou nada; existem graus variáveis de força de vontade, o que complica ainda mais a eventual realização da mesma. Por outras palavras, o conceito lexical de *querer* traz consigo marcas de incerteza e imprevisibilidade. Os valores gramaticais dele oriundos apenas herdaram essa indecisão inerente.

Assim, o que determina o rumo da evolução de um sentido é o uso da forma num contexto concreto, e não apenas o sentido original dessa forma. De modo óbvio, o contexto contribui para o sentido com as implicaturas que nele surgem com frequência, como no caso da exclamação *Querias!* normalmente usada em contextos em que o ouvinte não consegue o que pretende, pelo que a implicatura ‘mas não conseguirás’ (mencionada na secção 1.4) se torna convencional. Trata-se de uma conclusão consistente com a observação de que o surgimento de funções pragmático-discursivas

resulta do uso de uma forma “na realização de determinadas tarefas do falante na sua interacção com o ouvinte em diferentes *domínios comunicativos*.” (Silva 2006: 278, *italicos originais*)

Tudo isto mostra que os quatro valores não formam um conjunto de miscelâneas coligidas por acaso. São, além do mais, configurações do mesmo parâmetro, posições numa mesma escala. Com base nas fronteiras difusas e na sua localização dentro do mesmo plano, pode-se concluir que esses valores têm mais em comum do que parece. Deveriam, por isso, ser considerados como manifestações do super-valor de REALIZAÇÃO, como na Fig. 6. São, na verdade, variações sobre o mesmo tema.

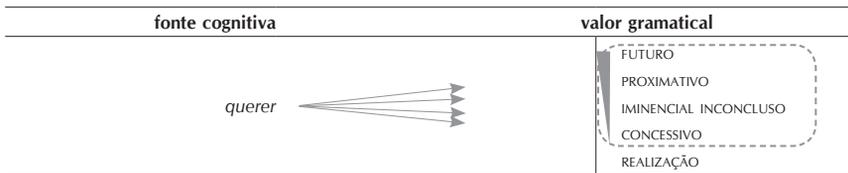


FIGURA 6: Valores ingredientes do super-valor de realização

REFERÊNCIAS

- Aijmer, Karin. 1985. The semantic development of will. In: Jacek Fisiak (Ed.). *Historical semantics, historical word formation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 11-21.
- Ameka, Felix. 1990. The grammatical packaging of experiences in Ewe: A study in the semantics of syntax. *Australian Journal of Linguistics* 10: 139-181.
- Bonvini, Emilio. 2008. About “Eating” in a few Niger-Congo languages. In: Martine Vanhove (Ed.). *From Polysemy to Semantic Change*. Amsterdam: John Benjamins, 267-290.
- Boryś, Wiesław. 2005. *Słownik etymologiczny języka polskiego*. Kraków: Wydawnictwo Literackie.
- Bybee, Joan. 2015. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carvalho, Maria José. 2012. A Gramaticalização e a lexicalização como processos históricos. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* 6-7: 159-176.
- Condillac, Étienne Bonnot de. 1746. *Essai sur l’origine des connaissances humaines*. Paris: Ch. Houel, Imprimeur.
- Halász, Előd. 1973. *Handwörterbuch der ungarischen und deutschen Sprache. Vol. 1: Ungarisch-Deutsch*. Berlin: Langenscheidt.

- Hansen, Maj-Britt Mosegaard. 2008. *Particles at the Semantics/Pragmatics Interface: Synchronic and Diachronic Issues, a Study with Special Reference to the French Phasal Adverbs*. Amsterdam: Elsevier.
- Heine, Bernd. 1992. Grammaticalization chains. *Studies in Language* 16 (2): 335-368.
- Heine, Bernd. 1996. Grammaticalization and language universals. *Faits de langues*. 4(7): 11-22.
- Heine, Bernd. 1999. The Ani: Grammatical notes and texts. Institut für Afrikanistik, Universität zu Köln. *Khoisan Forum* (Cologne) 11.
- Heine, Bernd & Kuteva, Tania. 2002. *World Lexicon of Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hoeksema, Jack. 2013. Immediate-future readings of universal quantifier constructions. In: Ritsuko Kikusawa & Lawrence A. Reid (Eds.). *Historical Linguistics 2011: Selected papers from the 20th International Conference on Historical Linguistics, Osaka, 25-30 July 2011*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 227-241.
- Hopper, Paul J. 1991. On some principles of grammaticization. In: Elizabeth Gloss Traugott & Bernd Heine (Eds.). *Approaches to grammaticalization*, Vol. I. Amsterdam: John Benjamins, 17-35.
- Hopper, Paul J. & Traugott, Elizabeth Closs. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Klemensiewicz, Zenon; Urbańczyk, Stanisław & Lehr-Spławiński, Tadeusz. 1964. *Gramatyka historyczna języka polskiego*. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN.
- Li, Charles N. & Thompson, Sandra A. 1981. *Mandarin Chinese: A functional reference grammar*. Berkeley, LA: University of California Press.
- Lima, José Pinto de. 1997. Caminhos semântico-pragmáticos da gramaticalização: o caso de *embora*. In: A.M. Brito et al. (Eds.). *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, 643-655.
- Lima, José Pinto de. 2001. Sobre a génese e a evolução do futuro com *ir* em português. In: Augusto Soares Silva (Ed.) *Linguagem e Cognição. A Perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa, 119-145.
- Leuschner, Torsten. 2008. From speech-situation evocation to hypotaxis: The case of Latin *quamvis* 'although'. In: Elena Seoane & María José López-Couso (Eds.). *Theoretical and Empirical Issues in Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 231-252.
- Meillet, Antoine. 1912. L'évolution des formes grammaticales. *Scientia (Rivista di Scienza)* 12(26, 6): 130-148.
- Poulos, George. 1990. *A linguistic analysis of Venda*. Pretoria: Via Afrika.
- Raposo, Eduardo P. 1992. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.
- Romaine, Suzanne. 1999. The grammaticalization of the proximative in Tok Pisin. *Language* 75: 322-46.
- Silva, Augusto Soares da. 2006. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina.

- Sławski, Franciszek. 1982. *Słownik etymologiczny języka polskiego*, Kraków: Towarzystwo Miłośników Języka Polskiego.
- Szcześniak, Konrad. 2013. You can't cry your way to candy: Motion events and paths in the x's way construction. *Cognitive Linguistics* 24(1), 159-194.
- Touratier, Christian. 1994. *Syntaxe latine*. Louvain-la-Neuve: Peeters.
- Tsangalidis, Anastasios. 1999. *Will and Tha: A Comparative Study of the Category Future*. Thessaloniki: University Studio Press.